

NARRATIVAS MIDIÁTICAS COMO FORMA DE PENSAMENTO ÚNICO: APONTAMENTOS DO SITE *MANCHETÔMETRO* SOBRE OS PRINCIPAIS RELATOS DOS GRANDES *MEDIA* BRASILEIROS

Rafael Magalhães Angrisano*

Resumo:

O presente artigo teve como objetivo discorrer sobre algumas reflexões possíveis que dizem respeito à necessidade humana de criar narrativas únicas para o “real” ao longo dos tempos e a aceleração deste processo ocasionado pela técnica e seus desdobramentos, hoje, perceptíveis no que alguns chamam de processo de midiaticização da sociedade. A título de ilustração, realizamos uma descrição-analítica sintética de alguns dados sobre as referências midiáticas do país presentes no site Manchetômetro, iniciativa da UFRJ que acompanha e monitora os níveis de parcialidade dos principais media brasileiros. Confirmamos algumas suspeitas sobre o tratamento de determinados acontecimentos e, dessa maneira, opinamos em alguma medida: aquilo que tem sido referência de “real” e “verdade” e aquilo que tem ficado à margem no regime de visibilidade midiático.

Palavras Chave: Verdade, Técnica, Midiaticização, *Manchetômetro*

Abstract:

This article aims to discuss some possible considerations concerning the human need to create unique narrative for the "real" over time and the acceleration of this process caused by the technique and its consequences today noticeable in what some call process media coverage of society. By way of illustration, we made a synthetic-analytical description of some data on the media references of the country, present in Manchetômetro site, UFRJ initiative that came daily and monitors the bias levels of the main Brazilian average. Confirmed some suspicions about the treatment of certain events and thus, to some extent opine: what has been reference "real" and "true" and what has stayed on the sidelines in the media visibility regime.

Keywords: Truth, Technical, Mediatization, *Manchetômetro*

* Doutorando em Estudos de Linguagens pelo CEFET-MG. E-mail: rafaelangrisano@yahoo.com.br

Introdução

A estética televisual é dominante como mediação da realidade social. Apesar da influência cada vez maior da *web*, a televisão permanece como referência para a população, como constata a recente pesquisa sobre consumo de mídia, feita pelo governo federal⁷. Sabemos que o processo de interação simbólica via internet vem alterando esse cenário, dando margem a uma disputa de narrativas sobre o “real”⁸. Aqui, chamamos de “real”, tal como Verón (2001), não necessariamente um *ontos* idêntico para todos, mas sim como medidas de universos simbólicos mais ou menos compartilhados por meio de narrativas que envolvem as práticas coletivas cotidianas, sociais, culturais e políticas estabelecidas no mundo da vida. Ou seja, um “real” construído à medida das sociedades.

De qualquer modo, a TV ainda é a mídia de referência do nosso cotidiano e a primeira proposta de verdade sobre a vida, as práticas coletivas, a política e os acontecimentos do mundo. Tal cenário aponta para uma crucial reflexão no meio acadêmico e intelectual, algo que tem sido feito por várias décadas, mas que, a nosso ver, não deve jamais se esgotar. A análise e crítica dos modelos de pensamento unívocos que se estabelecem nas esferas públicas, para nós, é uma importante ferramenta que não apenas diagnostica as práticas sociais, mas que também nos auxilia a modifica-las.

Escolhemos utilizar como objeto empírico o *Manchetômetro* pelo fato desse site monitorar os principais meios de imprensa do país. O *Jornal Nacional*, parte do *corpus*, representa, em nossa percepção, o pensamento unívoco em que se consolidou a comunicação brasileira, fundada por poucas famílias a partir de uma legislação arcaica e pouco democrática, datada na década de 60, privilegiando uma narrativa conservadora que se tornou referência de realidade para os brasileiros, antes que ocorresse o processo de letramento da população, diferente da maioria dos países “desenvolvidos”. A maioria esmagadora das vozes sociais nunca teve seu direito de fala e visibilidade. Acreditamos que, mesmo hoje, o *Jornal Nacional* representa a narrativa televisual hegemônica sobre os acontecimentos do país. Os outros jornais impressos descritos no site também possuem importância significativa na formação da opinião pública.

⁷ 95% dos brasileiros consomem produtos televisuais. BRASIL, 2015.

⁸ A noção de real é demasiado complexa e tem diferentes conceituações em estudos filosóficos, linguísticos e literários. Aqui, a noção é abordada tal como Verón (2001) a conceitua.

O *Manchetômetro* é uma ferramenta prática para visualização de narrativas dicotômicas e nos pareceu satisfatório como *corpus* devido o espaço e propósito desse artigo. O site se apresenta da seguinte maneira:

O Manchetômetro é um website de acompanhamento diário da cobertura da política e da economia na grande mídia, especificamente nos jornais Folha de S. Paulo, O Globo e Estado de S. Paulo, e no Jornal Nacional, da TV Globo. O Manchetômetro é produzido pelo Laboratório de Estudos de Mídia e Esfera Pública (LEMEP), grupo de pesquisas com registro no CNPq, sediado no Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). O Manchetômetro não tem qualquer filiação partidária ou com grupo econômico.⁹

Ainda de acordo com o site, sua metodologia se baseia:

As unidades de análise da pesquisa do Manchetômetro são as chamadas e manchete da capa do jornal (...) Cada notícia é analisada por dois codificadores e, havendo discordância, por um terceiro cujo veredicto funciona como critério de desempate. Os resultados das análises são plotados em gráficos para melhor visualização das tendências da cobertura. Os meios de comunicação investigados pela pesquisa são os jornais Folha de S. Paulo, O Globo e O Estado de São Paulo, os três principais jornais diários do país, e o Jornal Nacional, programa de notícias televisivo mais popular da TV aberta brasileira.

Nosso fio condutor reflexivo para tirar certas conclusões das tendências apontadas pelo site perpassou alguns conceitos como a verdade, o pensamento único e a diferença, a técnica e a mediatização.

Descrevemos as informações do site, especificamente do nosso recorte, e tentamos perceber a partir das reflexões propostas, como narrativas únicas do “real” dão visibilidade para determinados assuntos, enquanto outros permanecem no terreno da invisibilidade. Qual o “desenho” da narrativa hegemônica dos acontecimentos no Brasil?

Obviamente, temos ciência que os comentários que fizemos nessas poucas laudas são apenas um rascunho desse desenho, no entanto, acreditamos que tais apontamentos alargam perspectivas para reflexões mais aprofundadas.

A verdade e o pensamento único

A humanidade ao longo do processo civilizatório, além dos *media*, teve outras formas totalitárias de pensar a vida. O que podemos dizer com relativa segurança é

⁹ Informação disponível em <http://www.manchetometro.com.br/>. Acesso em 13-05-2015

que a história do pensamento, vista a partir de uma visada epistemológica, sempre almejou uma “vontade de verdade” para utilizar os termos de Foucault (1996).

Para sermos sintéticos e sem o ambicioso intuito de esgotar uma discussão tão profunda, vejamos de modo breve e simplificador o processo de pensamento único que se estabeleceu no ocidente. Consideramos importante tal apanhado para especularmos melhor a respeito da técnica e do processo de mediação da sociedade, conceitos fundamentais para nossa reflexão.

A tradição ocidental do verdadeiro (*aletheia*) foi significativamente marcada pelo pensamento socrático-platônico, que fundou o conceito de essência ideal superior a todas as coisas sensíveis, uma verdade absoluta passível de alcance por meio do intelecto humano. A Filosofia clássica, a religião, sobretudo a cristã, que teve justificativas muito bem elaboradas pelos escolásticos e a Ciência moderna, que supõe uma realidade ontológica inteligível e explicável de modo matemático, foram os modos de pensamento único que se estabeleceram, pautados pela busca de uma verdade que ordenasse um universo de *devoir*, uma essência que fosse capaz de não apenas interpretar, como no caso do mito, mas também determinar o porquê das coisas.

Essa filosofia influenciou o pensamento medieval-agostiniano, o escolástico tomista, o pensamento moderno, racional-cartesiano e empírico-baconiano e toda a filosofia de modo geral. Por meio da razão, seria possível desvendar o mundo para além de sua aparência, encontrando, pressupondo metafisicamente que o “real” seja inteligível à medida humana.

A derrocada do conceito de verdade absoluta que perdurou desde sempre teve como marco o pensamento nietzschiano. Nietzsche (s.d) nega a própria existência da verdade e suspeita de toda a tradição metafísica. O raciocínio parece simples, de acordo com Nietzsche (s.d), não se pode conhecer a verdade porque não há verdade. Aqui, há uma profunda diferença com o saber do criticismo cético kantiano, que diz que não podemos chegar à verdade metafísica, mas não a nega. Aqui, tomamos partido do filósofo alemão, desacreditando em qualquer verdade que se diga absoluta. Nesse contexto, como avaliar as realidades midiáticas que se digladiam em uma arena de disputas simbólicas para se tornarem a verdade absoluta?

Herdeiro do modo de pensar nietzschiano, Deleuze pode ser um autor que nos aponte uma possível resposta. Como aponta Schopke (2004), Deleuze aparenta o mesmo desejo de Nietzsche de fazer do pensamento um fluxo, um *devoir*, como na vida. Assim como o pensador alemão, Deleuze sabia que esses “reais” da linguagem,

essas narrativas e representações, não poderiam, afinal, serem verdades absolutas e totalizantes, pois a vida não é assim.

A insuportabilidade da mudança do ser é que nos faz querer uma verdade. O que é a verdade senão uma tentativa de parar o mundo para que ele se adeque a aquela verdade? Quando o que ocorre é que depois de dita tal verdade, antes que ela possa ser analisada, o mundo já mudou pelo *devir* e ela já se tornou parcial.

Daí a importância de se refletir as singularidades, as narrativas de resistência e a diferença de modo geral. Deleuze era o pensador da diferença. O que o autor chama de representação é, justamente, a metafísica, a vontade de semelhança. Nas palavras da comentadora: “libertar a diferença das antigas malhas da representação.” (SCHOPKE, 2004, p.22).

Dito de outra forma: o pensamento é apenas “re-conhecimento” quando está submetido e regulado pelos princípios da representação. Sua atividade mais fecunda está paralisada, sua natureza está reprimida: o seu poder de criar, de pensar e de produzir sua própria diferença. Nesse ponto, Deleuze e Nietzsche estão em perfeita sintonia: o pensamento não é estritamente falando, algo “natural”, algo que se exerce espontaneamente; ele é uma “segunda natureza”, um puro refinamento da razão. O seu poder de liberar ou mesmo de produzir a diferença está diretamente ligado ao rompimento com a representação clássica. (SCHOPKE, 2004, p.24).

Dessa maneira, consideramos importante articular a questão da vontade de verdade como pensamento único e a questão da diferença em discussão com a Técnica e os modelos mediatizados: referência de “verdade” na representação da vida contemporânea.

A Técnica e a Mediatização

Parece impossível pensar a Técnica sem passar por Heidegger (2008). O autor realizou uma reflexão arguta sobre essa noção, pensando-a como um dispositivo, uma forma de desencobrimento, para utilizar os termos do autor, um desvelamento do real que traria à tona sua “verdade”. Pensando as quatro causas aristotélicas e a noção de verdade grega, *aletheia*, ou desencobrimento do real, Heidegger afirma:

Questionamos a técnica e chegamos agora à *aletheia*. O que a essência da técnica tem a ver com desencobrimento? Resposta: tudo. Pois é no desencobrimento que se funda toda a produção. (...) Se questionarmos, pois, passo a passo, que é propriamente a técnica conceituada, como meio, chegaremos ao desencobrimento. Nele repousa a possibilidade de toda elaboração produtiva. (HEIDEGGER, 2008, p.17).

A técnica é desse modo, uma forma de desencobrimento, ou seja, sua essência envolve um indicativo de “verdade”. Assim, o que concerne a técnica não reside no manusear ou no fazer, mas no desencobrimento (verdade) mencionado. “Extrair, transformar, estocar, distribuir, reprocessar são todos modos de desencobrimento” (p.20).

Para Heidegger (2008), a técnica não é neutra, ela é provocadora, não é o ser humano que faz bom ou mau uso dela, ela nos afeta. Sua essência não possui nada de técnico no sentido instrumental e comumente veiculado ao termo, ela é desencobrimento. E o que ela desencobre? De acordo com o autor, a técnica desencobre a *dis-ponibilidade*.

A palavra dis-ponibilidade se faz agora o nome de uma categoria. Designa nada mais nada menos do que o modo em que vige e vigora tudo o que o desencobrimento explorador atingiu. No sentido da disponibilidade, o que é já não está para nós em frente e defronte, como um objeto (HEIDEGGER, 2008, p. 20-21).

A técnica desencobre o “real” como “disponibilidade” e quem realiza essa operação é o homem que faz a disposição. Sendo assim, a técnica enquanto forma de desencobrimento como disponibilidade é uma armação, *gestell*, que nos afeta por inteiro, nos deixando sempre disponíveis.

Gestell é uma composição, rede, uma armação ou dispositivo, no sentido de Foucault, sobretudo, na forma com Agambem apreende esse sentido, no texto “O que é o dispositivo”, do livro O que é o contemporâneo e outros ensaios (2012), em que se entrelaçam linhas de maneira múltipla, envolvendo questões políticas, culturais, estéticas e tecnológicas do “real”. Em outras palavras, a composição (dispositivo – força que desafia o homem a descobrir o real no modo da disponibilidade) denomina desencobrimento (verdade) que rege a técnica moderna.

Acreditamos que os *media* seriam uma linha decisiva nessa composição, como suspeitam diversos autores e estudiosos contemporâneos da Comunicação. Sabe-se que na contemporaneidade, como já dito, os *media* não podem ser tratados de forma indiferente, já que fragmentam o “real” em narrativas e tomam o lugar de espaço privilegiado no terreno da enunciação. Agamben (2012) diz que a contemporaneidade se escreve no presente, “tem o seu fundamento nessa proximidade com a origem, que em nenhum ponto pulsa com mais força do que no presente.” (AGAMBEN, 2012, p.69). Nesse caso, ser contemporâneo é compreender uma interligação de tempos, pensar o presente como parte do não vivido, “voltar a um presente em que jamais

estivemos. Aqueles que procuraram pensar a contemporaneidade puderam fazê-lo apenas com a condição de cindi-la em mais tempos, de introduzir no tempo uma essencial desomogeneidade” (AGAMBEN, 2012, p.70-71). Por esse motivo, aos olhos de Agamben, para sermos contemporâneos, devemos enxergar os variados tempos.

Os *media* de massa é o resultado dos poderosos métodos da Técnica na contemporaneidade, que não sendo neutra, aponta caminhos para alguns animadores, para outros apocalípticos, mas o fato é que eles perpetuam certas narrativas tradicionais que tentam nos dizer do que é feito o “real”.

No rastro dessas ideias temos o que é chamado de processo de midiáticação da sociedade. A midiáticação tem sido vista como processo social que ainda não pode ser considerado absoluto, processo em que a sociedade não apenas recebe conteúdo midiático, mas também o devolve e o transforma. Como afirma Braga (2006a), precisamos romper a clássica distinção dos estudos midiáticos, elaborada por Umberto Eco (1970), a de apocalípticos e integrados¹⁰.

Não se trata de adotar uma posição de equilíbrio entre esses dois extremos, mas sim de recusar radicalmente essa dimensão determinada pelos dois polos. O problema da reflexão na área não é afirmar uma tomada de posição (num sentido ou noutro), mas sim examinar que coisa é essa em construção na e pela sociedade – os processos midiáticos – em sua realidade histórica. (BRAGA, 2006a, p. 52-53).

Na mesma esteira, Sodré (2002) realiza uma rápida distin o entre media o e midiatic o:

  preciso esclarecer o alcance do termo “midiatic o”, devido   sua diferença com “media o” que, por sua vez, distingue-se sutilmente de “interac o”, um dos níveis operativos do processo mediador. Com efeito, toda e qualquer cultura implica media es simbólicas, que são linguagem, trabalho, leis, artes, etc. Está presente na palavra media o o significado da a o de fazer ponte ou fazer comunicarem-se duas partes [...] já midiatic o   uma ordem de media es socialmente realizadas no sentido da comunica o entendida como processo informacional, a reboque de organiza es empresariais e com ênfase num tipo particular de interac o – a que poderíamos chamar tecno-interac o – caracterizada por uma espécie de prótese tecnológica e mercadológica da realidade sensível denominada *médium*. (SODRÉ, 2002, p. 20)

Outro autor que conceitua dinamicamente a no o de midiatic o social   Eliseo Ver n (2001). Para o autor, na era da midiatic o, em que imperam as

¹⁰ Para Eco (1970), os integrados são os que veem os *media* apenas em suas possibilidades positivas, absorvendo-os em seu sentido tecnológico, como característica de qualquer sociedade democrática, e em seus avanços e vantagens sociais, enquanto os apocalípticos, em contrapartida, enxergam os *media* de modo negativo, condenando-os como instâncias de poder que influenciam a sociedade capitalista e produzem somente bens simbólicos de qualidade duvidosa.

mediações no contexto sociossimbólico, prevalece a ideologia representacional, que para nós, conjuga com a crítica à representação metafísica feita pelos autores comentados. A midiatização vem tentando se legitimar, criando uma proposta de “real” que quer ser o tempo todo afirmado como o “único e verdadeiro real”.

Pensando a midiatização como algo que ainda não se completou, podemos dizer que ela vem avançando em algumas etapas. A etapa atual da midiatização de acordo com o semioticista argentino seria a instauração do regime indicial¹¹ da significação como estratégia enunciativa de construção da realidade social. A ordem do indicial utiliza operações metonímicas, a troca do todo pela parte, a fim de se aproximar cada vez mais da realidade social.

Articulando os conceitos discutidos nos tópicos acima, Verdade, Diferença, Contemporaneidade, Técnica e Midiatização, e tomando por base essa noção de narrativas indiciais dos meios técnicos televisuais e linguísticos como modelos de verdade e pensamento único sobre o “real”, tentamos ilustrar por meio dos apontamentos do site *Manchetômetro* sobre os grandes *media* brasileiros, qual o “desenho” dessa narrativa hegemônica midiatizada, para onde ela nos direciona e quais as opções de resistência que escapam desse viés.

A visibilidade apontada no site *Manchetômetro* e a invisibilidade de tantas questões

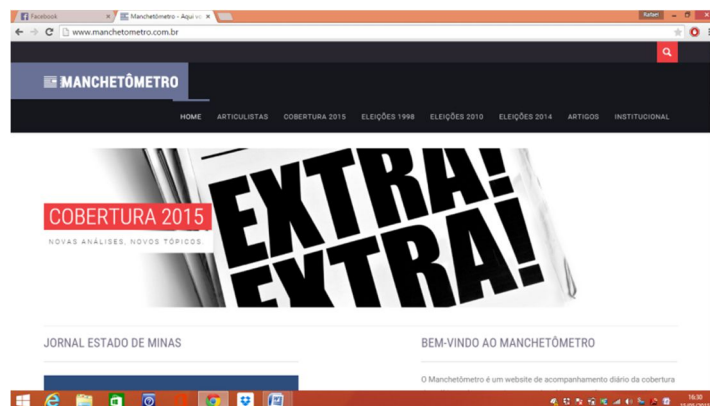


FIGURA 1 Página inicial do site– FONTE: Manchetômetro, 2015.

¹¹ Por falta de espaço e por não ser o principal propósito do artigo, não iremos desenvolver tal conceito. A título de contextualização, o termo indicial se refere a noção de índice de Peirce (1977), na qual os signos são divididos em uma tricotomia que envolve uma primeiridade, uma secundidade e uma terceiridade do sentido. Na relação do signo com seu objeto temos três tipos de signos: ícone (primeiridade) que representa o objeto de modo análogo; índice (secundidade) que representa o objeto a partir de um vínculo existencial metonímico e símbolo (terceiridade) que representa o objeto por meio de uma convenção.

No site que escolhemos para análise, existem muitas seções que apontam a relativa neutralidade, pareceres favoráveis ou contrários dos *media* em relação à política e economia, principais pautas jornalísticas.

Há uma seção no site que trata especificamente da cobertura de escândalos políticos, direcionando a temática como um poderoso operador de pauta midiático, ou seja, um assunto julgado pelos *media* como um dos maiores interesses para o público em geral, o que confirma nossa suspeita de principal apuração do jornalismo brasileiro. Optamos por explorar essa questão como operador de análise, especificamente nos períodos de eleições presidenciais.

Escolhemos as seguintes seções como recorte empírico: eleições de 2010 e 2014 e a cobertura da imagem da presidente Dilma em 2015, por serem assuntos com intensas repercussões noticiosas e com os mais notórios apontamentos de parcialidade no site.

A descrição feita pelo *Manchetômetro* sobre os níveis de parcialidade dos principais meios de comunicação nos períodos e assuntos que selecionamos é transcrita no site da seguinte maneira:

O estudo feito no âmbito do LEMEP acerca da cobertura das eleições presidenciais de 2010 na grande mídia imprensa mostrou um número muito alto de escândalos no material noticiado. Naquele pleito 6 escândalos tiveram destaque, cinco negativos para o PT e sua candidata, Dilma Rousseff, e um negativo para o PSDB. No total da cobertura foram 1501 textos sobre os “escândalos do PT” e 82 sobre o único “escândalo do PSDB”. Na cobertura da eleição de 2014 o número de “escândalos” é ainda maior. Contrários ao PT são: Correios de Minas Gerais, Doleiro Yousseff, Graça Forster na CPI, Mensalão, Miriam Leitão na Wikipedia e Petrobrás. Contrários ao PSDB temos: Aeroporto de Cláudio, Alstom, Cantareira/Água em São Paulo, Mensalão Tucano e Metrô de São Paulo.

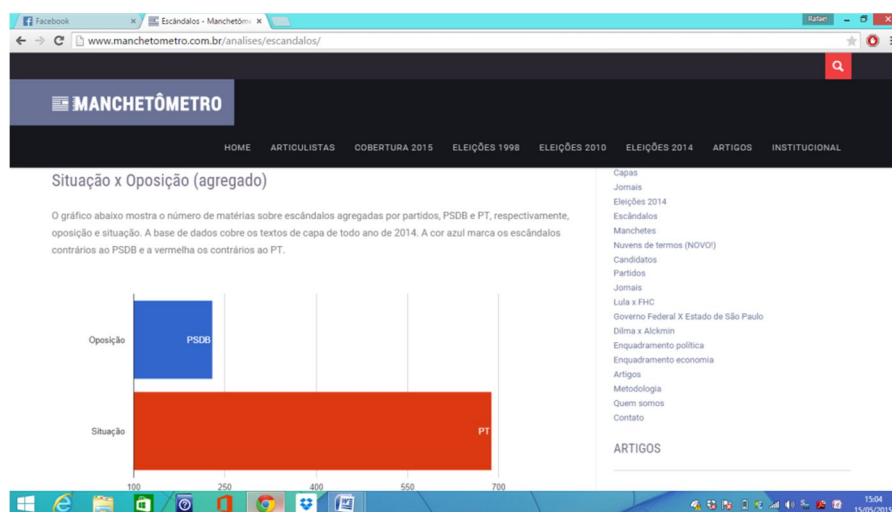


FIGURA 2 – Cobertura agregada dos meios sobre os escândalos – Situação X Oposição. Fonte: Manchetômetro, 2015.

O texto dessa transcrição, a parte quantitativa contida nos números de apurações dos principais partidos políticos e a gritante diferença do gráfico da imagem acima nos dão um breve resumo de qual tem sido a narrativa midiática hegemônica no país: os escândalos de corrupção do PT.

Ao longo do nosso artigo, tentamos articular vários conceitos de profunda sofisticação teórica que fossem capazes de nos auxiliar na reflexão a respeito da narrativa hegemônica dos *media* apontada pelo *Manchetômetro*. Dentre os vários modos de pensamento único e de modelos de verdade absoluta, falamos de um processo em que a filosofia clássica, a religião, a ciência e a técnica já reinaram. Um desdobramento da técnica seria a midiatização e seu modo de pensar o “real” de maneira narrativo-indicial: indicativos metonímicos de caráter especular que tentam confundir o discurso com o próprio “real”.

A representação do “real” de modo indicial feita pelos *media*, nos dá a impressão da narrativa ser o próprio “real”. Acreditamos que isso seja um auge da vontade de verdade de que falávamos.

Acontece que, apesar de parecer óbvio e como frisamos nas reflexões acima, isso não é o “real”. Não se pode tomar esse estatuto de verdade já que são apenas representações. Trata-se de narrativas pensadas por sujeitos enunciadores, que são editadas, com intencionalidades e que carregam certos imaginários. São essas narrativas televisuais que transparecem um modelo de pensar que é único.

Algumas de nossas suspeitas sobre esse pensamento único dos *media* brasileiros foram ilustradas nessa breve análise dos dados do site *Manchetômetro*: os meios de comunicação de massa no Brasil confirmam os estereótipos comumente veiculados de que a formação da opinião pública é privilégio de uma única voz. A narrativa hegemônica do “real” no Brasil, a forma de desencobrimento do “real” nos termos de Heidegger (2008), hoje, segue um mote básico: a corrupção partidária com ataque sistemático ao partido de situação se comparado ao partido de oposição.

Como premissa de nossas reflexões, acreditamos que qualquer tipo de narrativa, em especial a que se desdobra como hegemônica, distorce mais ou menos o cenário que se propõe a representar. Ser contrário ao governo e colocar uma grande lupa sobre o assunto “corrupção do partido de situação” (5 grandes escândalos no primeiro período analisado, sendo 1501 manchetes), que mesmo sendo um problema, deixa a margem muitas outras questões problemáticas de cunho histórico e sociológico. Além disso, percebe-se uma fuga ao analisar as poucas chamadas sobre

corrupção quando não se trata do partido de situação (apenas um escândalo e 82 manchetes no primeiro período analisado).

Como exemplo de outras questões que podem e devem ganhar espaço nos *media*, podemos citar alguns fatos: a enorme desigualdade histórica em que se estabeleceu na sociedade, o atraso ao direito de liberdade e voto dos negros, mulheres e analfabetos e o fato da sonegação de impostos equivaler a uma parcela sete vezes maior do PIB em relação à corrupção partidária¹². Isso levanta a seguinte questão: a corrupção partidária é o principal problema do Brasil como nos faz querer acreditar as narrativas midiáticas hegemônicas?

A diminuição da diferença discursiva ocasionada pela vitória da narrativa hegemônica midiaticizada é o que causa a estranheza sobre as vozes marginalizadas, a sua não compreensão e por vezes a indiferença ou mesmo a repulsa. Consideramos valorosa a tentativa das narrativas de resistência de constituírem um espectro de formações discursivas polifônico em um cenário no qual é cada vez mais difícil ouvir a diferença.

É necessária a reinvenção de novos mundos e novas narrativas, que sejam contemporâneas e interpretemos a tradição, por intermédio do esquecimento, desdogmatizando-a, no sentido de Agamben (2012) e pensem a diferença no sentido de Deleuze referenciado por Schopke (2004); uma regulação dos *media* que democratize a circulação de opiniões, dando espaço e voz para todas elas. Se as novas narrativas devem incorporar e em que medida devem apreender o conteúdo televisual que conhecemos, isso é assunto para outro trabalho.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo e outros ensaios**. Chapecó: Argos, 2012.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Perspectiva, 1970.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo, Loyola, 1996.

HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e conferências**. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2008.

¹² Informação disponível em <http://www.cartacapital.com.br/economia/sonegacao-de-impostos-e-sete-vezes-maior-que-a-corrupcao-9109.html> acesso em 16-05-2015. Carta Capital é um veículo midiático que não se enquadrou entre os mais consumidos e não está na pauta de análise do Manchetômetro.

- NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falava Zaratustra**. São Paulo: Escala; s.d.
- PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- PLATÃO. **A república**. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- SCHOPKE, Regina. **Por uma filosofia da diferença: Gilles Deleuze, o pensador nômade**. Rio de Janeiro: Contraponto editora, 2004.
- SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear em rede**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- VERÓN, Elíseo. **El cuerpo de las imagenes**. Buenos Aires: Norma, 2001.